



**VIAGENS ENTRE A PAISAGEM E O ESPAÇO: SOCIEDADE E NATUREZA
NOS RELATOS DE PETER SCHMIDTMEYER E DE JOHANN RENGGER
(SÉCULO XIX)**

MAICO BIEHL*

Introdução

O presente texto apresenta algumas reflexões e resultados preliminares do projeto de mestrado que venho desenvolvendo e que aborda as percepções referentes à natureza (compreendendo a paisagem e o espaço) manifestadas por dois médicos-viajantes em seus relatos de viagem, bem como suas considerações sobre o tratamento que o meio natural recebia da sociedade chilena e paraguaia, com o propósito de identificar quais as concepções científicas, políticas e filosóficas que orientaram suas descrições e avaliações.

É importante ressaltar que a situação pós-independência das antigas colônias espanholas na América, no início do século XIX, favoreceu a vinda de sujeitos de várias nacionalidades, cujas motivações revelaram-se bastante diversas. Expedições militares, científicas, diplomáticas e comerciais foram as responsáveis pelo maior afluxo desses indivíduos. Dentre os que estiveram na América neste período, muitos deles, no retorno ao seu país de origem, dedicaram-se a elaborar narrativas de suas viagens, as quais se caracterizam por abordarem de forma ampla os costumes, a história e a geografia dos espaços que percorreram.

É neste contexto que podemos situar as viagens e os relatos produzidos pelos suíços Peter Schmidtmeier e Johann Rengger. Suas trajetórias apresentam similitudes e diferenças, sendo que, para ambos, a viagem e a escrita do relato foram pontos fundamentais em suas biografias. Schmidtmeier esteve no Chile entre 1820 e 1821, percorrendo as adjacências de Santiago. Após retornar para a Inglaterra, publicou a narrativa *“Viaje a Chile a través de los Andes, realizado en los años 1820 y 1821”*. Johann Rengger, por sua vez, chegou à América Meridional em 1818, tendo permanecido no Paraguai até 1825. Após seu retorno, no início do ano seguinte à Europa, dedicou-se à escrita de *“Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826”*, que foi publicado em 1835.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Bolsista do CNPq.

Viajantes e escritores

No conturbado cenário europeu das últimas três décadas do século XVIII, foram poucos os países que conseguiram se manter estáveis e soberanos frente aos processos revolucionários desencadeados na França, a partir de 1789. A vizinha Suíça sofreu impactos imediatos da Revolução, tanto a partir da forte influência do “espírito das Luzes” no ambiente intelectual, quanto da alteração da ordem política. Foi neste ambiente, em 1772, na cidade de Genebra, que nasceu Peter Schmidtmeier, que, de acordo com Martin Nicoulin, era “(...) filho de uma família burguesa; [e] seu pai foi membro do Conselho dos Duzentos” (NICOULIN, 1995:206). Provavelmente, por conta do agravamento da situação na Suíça, Schmidtmeier viajou para a Inglaterra, onde em 1795, conseguiu a naturalização inglesa.¹

Neste mesmo ano, na cidade de Baden, que pertencia ao cantão suíço de Aargau, nascia Johann Rengger. Filho de um pároco de uma Igreja Reformada, aos sete anos de idade passou a ser criado pelo seu tio e Ministro do Interior da República Helvética, Albrecht Rengger (RENGGER, A., [1835] 2010). Portanto, assim como Schmidtmeier, Rengger também pertenceu a uma família de posses e que estava inserida no cenário político do período.

Quanto à formação de ambos, sabemos que Rengger dedicou-se ao aprendizado da língua francesa, à leitura de autores clássicos e ao estudo das Ciências Naturais. Em 1817, formou-se farmacêutico e obteve o grau de Doutor pela Universidade de Tübingen, na atual Alemanha, o que lhe permitiu que atuasse como médico. Enquanto que Rengger revezava-se entre a Suíça, Alemanha e a França por conta de seus estudos, Schmidtmeier permaneceu na Inglaterra e, segundo Marcelo Somarriva, formou-se em Química (SOMARRIVA, 2007).

Além de uma formação próxima, tanto Johann Rengger como Peter Schmidtmeier, deixaram a Europa do início do século XIX com destino aos novos países da América do Sul. Convivendo com uma forte instabilidade política interna e externa, as nações que se libertaram do jugo colonial espanhol, iniciaram um processo de abertura e diálogo com os demais países europeus, o que possibilitou uma série de viagens nas primeiras décadas do Oitocentos. Fruto de uma iniciativa particular e movida pela curiosidade científica, Rengger e

¹ As atas do *Journal of the House of Commons* (Volume 50) permitem acompanhar o trâmite do processo de naturalização de Schmidtmeier ao longo do ano de 1795 na Câmara dos Comuns.

seu amigo suíço e também médico Marcel Longchamp, chegaram a Buenos Aires em 1º de julho de 1818, tendo optado por deter-se no Paraguai, pois:

Llegados á Buenos Ayres, despues de una corta navegacion de sesenta dias, tomamos informes sobre los paises que teniamos intencion de visitar, y nos decidimos por el Paraguay, por ser el menos conocido y que gozaba de mas tranquilidad que ningun otro. A pesar de que hacia muchos años que el doctor Francia se hallaba en él á la cabeza de los negocios, no se tenia en Buenos Ayres la mas ligera idea de su gobierno, y se miraba el Paraguay como la única provincia donde reinaba la paz. (RENGGER; LOMPCHAMP, 1828:V-VI).

Após a escolha, os médicos suíços encontraram dificuldades para ingressar no território paraguaio, sobretudo, pelas restrições impostas pelo governo ditatorial de José Gaspar Rodríguez de Francia, o que os motivou a cogitarem explorar o Chile. No entanto, conseguiram entrar em Assunção em 30 de julho de 1819. Desde então, os dois médicos tiveram que se submeter à autoridade de Francia, tendo que trabalhar no atendimento clínico ao exército e necessitando de autorizações para se deslocarem pelo interior do território. Esta situação permaneceu ao longo de seis anos e meio, pois somente em 1825, Rengger e Lonchamp, obtiveram de Francia a permissão para deixarem o Paraguai. Contudo, devido ao pouco tempo – de aproximadamente duas horas – que tiveram para organizar sua partida na próxima embarcação, os médicos viajantes não conseguiram preparar adequadamente todo o material coletado para levarem consigo.

Após o retorno a Europa, em 21 de janeiro de 1826, Rengger dedicou-se a compilar e sistematizar os seus escritos sobre a sua experiência na América Meridional.² Atuou, também como médico e secretário particular da condessa von Worcell, vindo a falecer em 9 de outubro de 1832, aos 37 anos de idade, vítima de uma inflamação pulmonar (RENGGER, A., [1835] 2010).

Schmidtmeyer, por sua vez, chegou a Buenos Aires em primeiro de maio de 1820, cinco meses após partir de Londres. Em seguida, iniciou a sua marcha para atravessar os Andes e chegar até o seu destino: Santiago, no Chile. Percorreu as imediações da capital chilena, provavelmente, como um agente de uma companhia mineradora inglesa

² A primeira obra publicada por Rengger foi em conjunto com Longchamp, em 1827, e versava sobre o governo de Francia no Paraguai. Foi publicada em francês e em alemão e traduzida para o inglês, italiano e espanhol, esta última intitulada *Ensayo Historico sobre la Revolución del Paraguay*. Rengger publicou ainda a obra *Naturgeschichte der Säugethiere von Paraguay*, que aborda a história natural do país, e realizou uma série de apresentações na Sociedade de História Natural de Aargau e na Sociedade Suíça de Ciências Naturais (RAMELLA; PARRET, 2011).

(SOMARRIVA, 2007). Ao longo da sua viagem, Schmidtmeyer, ao contrário de Rengger, não teve problemas com as autoridades locais, inclusive encontrou-se com o Diretor Supremo do Chile, Bernardo O'Higgins.³ Retornou para a Europa em 1821, sendo esparsas as notícias de sua atuação até a sua morte, em 1829, aos 57 anos de idade na ilha grega de Zante (SOMARRIVA, 2007).

Portanto, no início da segunda década do século XIX, dois países sul-americanos foram visitados por dois suíços, e, cada um ao seu modo, compôs as primeiras impressões de que se têm conhecimento do Paraguai e do Chile independente. Schmidtmeyer publicou o seu livro em Londres, em 1824 e, segundo Barros Arana (1894:591), “Este libro, impresso esmeradamente a expensas del autor, [foi] vendido entónces a un alto precio (£ 2, 2sh) [duas libras e dois xelins]”.⁴ A publicação de uma obra sobre a viagem realizada também foi um desejo de Rengger. Contudo, o médico suíço, devido ao débil estado de saúde em que se encontrava, apenas conseguiu esboçar o conteúdo que comporia o seu livro e escrever alguns informes. Por ter falecido em meio ao processo de escrita, a narrativa sobre a viagem ao Paraguai foi publicada postumamente, em 1835, a partir da ação compiladora dos seus escritos empreendido pelo seu tio Albrecht Rengger e pelo cunhado Ferdinand Wydler.⁵ No prólogo do editor, Albrecht esclarece o cuidado que tiveram para manter a fidelidade das ideias de Rengger, afirmando que “La redacción final es el único trabajo que hemos efectuado [...]” (RENGGER, A., [1835] 2010:17).

A conceituação de paisagem: algumas observações

³ Neste encontro Schmidtmeyer propôs a Bernardo O'Higgins, a criação de uma colônia de imigrantes suíços católicos no Chile. A medida chegou a ser aprovada pelo Senado, mas jamais foi executada (BARROS ARANA, 1894; SOMARRIVA, 2007).

⁴ Publicado originalmente em inglês com o título “Travels into Chile, over the Andes in the years 1820 and 1821, with some sketches of the productions and agriculture; mines and metallurgy; inhabitants, history, and other features, of America; particularly of Chile, and Arauco”. Para a realização deste texto utilizamos a edição traduzida ao espanhol, em 2014, com o título “Viaje a Chile a través de los Andes realizado en los años 1820 y 1821”.

⁵ Publicado sob o título “Reise nach Pargauay in den Jahren 1818 bis 1826” com metade dos capítulos em língua alemã e outra metade em língua francesa, conforme os escritos originais de Rengger. Para a realização deste texto utilizamos a edição traduzida ao espanhol, em 2010, com o título “Viaje al Paraguay en los años 1818 a 1826”.

Antes de analisarmos as descrições dos dois viajantes suíços sobre a paisagem em seus relatos, julgamos importante refletir, ainda que brevemente, sobre a noção de paisagem aqui proposta e utilizada.

O conceito de paisagem é marcado por uma variabilidade de definições e interpretações que variam de acordo com o campo disciplinar que o utiliza, assim como das correntes teóricas que nortearam estes campos. Estudos de Geografia, de Arquitetura e de História têm se utilizado cada vez mais dessa categoria conceitual devido à importância que os temas da natureza e do meio ambiente assumiram nas últimas décadas.

Em estudo sobre o uso da noção de paisagem nos trabalhos de História Ambiental e de História Cultural, Dora Shellard Corrêa destaca que, enquanto o primeiro privilegia a materialidade da paisagem, o segundo dedica-se a compreender as múltiplas percepções lançadas sob a paisagem (CORRÊA, 2012). Essa distinção é, em grande medida, oriunda das próprias fontes e metodologias utilizadas pelos investigadores. Para os historiadores, a paisagem revela-se por meio de uma construção de terceiros realizada em um eixo temporal e espacial específico e irrecuperável em sua originalidade. Sua análise parte de registros escritos, de coleções cartográficas e fotográficas (CORRÊA, 2012). Diante da impossibilidade de a paisagem ser visualizada diretamente pelo estudioso, sua análise acaba por considerar as influências das distintas percepções na representação de um determinado espaço físico. Já a materialidade da paisagem é destacada nos trabalhos em que a visualização do espaço é permitida ao investigador.

Portanto, ainda que a noção de paisagem possua diversas interpretações, ela deve ser utilizada em uma acepção que respeite as fontes utilizadas e os problemas de pesquisa em questão. Desse modo, partimos de uma noção de paisagem como uma elaboração do espaço físico visualizado, em que assume grande importância à descrição e a organização dos elementos da paisagem, como evidências das percepções e dos olhares que operaram a sua elaboração e avaliação. Neste sentido, alinhamo-nos a uma das definições defendidas por Dora Corrêa, que, em estudo sobre as paisagens pretéritas descritas em documentações, afirma que:

(...) paisagem não é uma coisa, uma concretude, mas a visualização, organização, perspectiva e dimensionamento de elementos naturais visualizados. Embora uma parte do que compõe o visualizado sejam concretudes, mas não passam de árvores, rios, montanhas, praias. É o testemunho ou o pesquisador que cria o conjunto, que

dá unidade e sentido a ele, que determina e descreve uma paisagem (CORRÊA, 2015:275).

Deste modo, a figura do observador assume uma posição central na composição da paisagem. Para Raymond Williams (2011:211), “É no ato de observar que essa paisagem se forma”, daí a importância que a cultura e a formação do indivíduo que observa adquire na descrição da paisagem. Já para Simon Schama (1996:17), “Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõem-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas”.

Sendo a paisagem o visualizado, organizado e descrito pelo observador, é importante salientar que esta elaboração é construída como parte integrante de uma narrativa de viagem. Ou seja, as estratégias discursivas, a estrutura do relato, os temas destacados e os próprios objetivos da viagem somam-se ao arcabouço cultural do viajante nas explicações sobre a elaboração da paisagem. O deslocamento que proporciona o encontro com a alteridade e, conseqüentemente, com um espaço físico distinto é central na escrita deste gênero de narrativa. As diferenças culturais, sociais e ambientais que se evidenciam neste encontro constituem o substrato do relato, sua base narrativa. Concatenando o observado – o visto, o ouvido e o lido –, descrevendo o percurso da viagem, os elementos naturais da fauna, da flora, os rios, os minerais e os habitantes locais, o autor do relato não somente apresenta uma imagem do observado, como emite juízos sobre o relatado, evidenciando um discurso que se constrói a partir das diferenças e com uma forte carga eurocêntrica.

Percepções da natureza e da sociedade

Johann Rengger e Peter Schmidtmeier aportaram em Buenos Aires e seguiram por caminhos distintos pelo interior do continente sul-americano. Rengger seguiu, primeiro, pelo rio da Prata e, após, pelo rio Paraguai para chegar até Assunção, trajeto marcado pela planície platina. Schmidtmeier, por sua vez, seguiu até Mendoza e atravessou os Andes a caminho de Santiago, percorrendo uma região de transição entre o relevo de planície das pampas e de montanhas já próximo ao Chile.

Em capítulo dedicado à configuração e composição do solo paraguaio, Rengger demonstra uma preocupação em localizar as regiões de pântanos, de banhados, de montanhas,

os vales e os elementos, como a areia, as rochas, os vegetais e a argila que compõem o solo. Nele, consta, ainda, a tradução de muitos termos em guarani, como de determinados acidentes geográficos e elementos da natureza, sublinhando, sempre que possível, as coordenadas de longitude e latitude. Enfim, um relato que prima por uma ampla descrição e classificação do observado, cujas informações apontam para a elaboração de um texto com nítidas preocupações de ser compreendido pelo seu público leitor, como um relato de cunho científico.

Aqui, podemos estabelecer uma oposição entre o relato de Rengger e de Schmidtmeyer. Se o primeiro busca amparar-se em princípios científicos ao longo de sua narrativa, esta é uma preocupação não compartilhada por Schmidtmeyer. Logo na introdução de seu livro, adverte ao seu leitor que, “(...) es un hombre de conocimientos más bien superficiales que profundos” e que seu objetivo com a viagem realizada “(..) no es el de observación científica (...)” (SCHMIDTMEYER, [1824] 2014:7). Assim, o seu relato de viagem apresenta uma estrutura claramente dividida em dois momentos: um primeiro com breves informações históricas, geográficas e naturais da América do Sul e o segundo constituiu-se essencialmente da descrição do trajeto realizado de Buenos Aires até o Chile.

Em sua descrição, Rengger demora-se mais na região leste do Paraguai, especialmente nas proximidades de Villarica e Paraguari, lugares que pôde pessoalmente observar. Esta região de montanhas ligadas ao Planalto brasileiro, da qual se destaca as montanhas de Mbaracayú (Maracajú), destoa do restante do território paraguaio formado essencialmente por planícies. Após deter-se na descrição dessas localidades, Rengger justifica o seu investimento afirmando que: “El territorio que acabo de describir ofrece los lugares más bellos del Paraguay, entrecortado por valles muy pintorescos como los de Tapua [Tapuá], Limpio, Paraguay [Paraguari], etc.” (RENGGER, [1835] 2010:52). Para Rengger, o vale de Paraguari pode ser tomado como modelo pela sua beleza. Além de comentar sobre os montes, os bosques e os arroios que cortam o vale, Rengger afirma que a imagem do vale se apresenta como “(...) plano y ostenta una hermosa vegetación” (RENGGER, [1835] 2010:52).

Assim como muitos de seus contemporâneos, Rengger elabora as suas descrições paisagísticas por meio de uma escrita que prioriza o mensurável, o taxonômico, enfim, uma escrita que se pauta pelo cientificismo, como já afirmamos. No entanto, não somente o cientificismo orientava essas descrições, aspectos estéticos também se fizeram presentes

aproximando razão e sensibilidade. Esta nova relação entre o homem e a natureza, cujas origens podem ser identificadas na Revolução Científica do século XVII, acentua-se e deve ser, também, entendida no contexto da Ilustração, como destaca Karen Lisboa (1997). Segundo a autora:

Pois, na Ilustração, a natureza não é mais vista como 'ordem revelada e imutável da criação', mas como 'ambiente da existência humana'. Deixou igualmente de servir de 'modelo universal' e passou a ser 'estímulo' diante do qual os sujeitos reagem diferentemente; também não era mais tida como 'fonte de todo saber', mas como 'objeto de pesquisa cognitiva' (LISBOA, 1997:97).

A paisagem é elaborada, portanto, a partir dos elementos físicos e dos sentimentos que a natureza provoca no observador. Noções como o “belo”, o “sublime” e o “pitoresco”, são empregadas na narrativa não somente para qualificar o descrito, mas, também, são indicativos das orientações estéticas que seguiam os autores dos relatos ao descrever a paisagem. De acordo com Márcia Regina Capelari Naxara, estas noções são:

(...) palavras-chave para a estética a partir do século XVIII. Remetem a sentimentos e sensações que, embora tendo singularidades que os definam, muitas vezes como opostos, frequentemente se interpenetram, tornando difícil o estabelecimento de barreiras claras entre eles (NAXARA, 2004:69).

No entanto, ainda segundo a autora, apesar de uma complexa definição, o belo aproxima-se do pitoresco contrapondo-se estes de maneira mais clara ao sublime. De modo que é possível associar ao pitoresco o singular, o pequeno, aquilo que causa conforto, enquanto que o sublime remete ao grandioso, ao austero e as sensações de medo e angústia (NAXARA, 2004).

Se o vale de Paraguari, por apresentar uma vegetação formosa e com belos lugares, é definido por Rengger como pitoresco, quando da sua excursão em direção ao norte do Paraguai até Villa Real, atual Concepción, sua avaliação sobre as paisagens das montanhas de Mbaracayú é distinta. Iniciando por uma menção a pequenos montes e vales cobertos por uma vegetação mais rala, Rengger avalia que nesta parte da montanha de Mbaracayú o que se percebe é “(...) un aspecto oscuro nada pitoresco” (RENGGER, [1835] 2010:54). Segundo o viajante, as constantes e fortes chuvas acumulavam detritos na base da montanha, sendo que suas pedras, além de estarem expostas, apresentavam visíveis desgastes, resultando, portanto,

em uma imagem impropria “(...) para alegrar la vista. Inclusive subiendo a las cumbres más altas no se modifica la escena” (RENGGER, [1835] 2010:54).

Rengger não esconde a sua preferência por paisagens mais amplas que lhe permitem uma visão do conjunto dos elementos naturais, sendo sua diversidade algo importante para o viajante, ao mesmo tempo, a densa vegetação constitui-se, para ele, um sinal de barbárie. Segundo a sua descrição:

Como las cimas son boscosas y los vallecitos demasiado angostos para ser vistos desde lejos, el conjunto aparenta ser una inmensa selva. Bajando desde allí hacia el Sur, este aspecto salvaje disminuye a medida que los vallecitos se ensanchan y las cimas de las montañas se transforman en mesetas, que en parte están cubiertas de bosques y en parte de pastizales. Aun así, como todos estos montículos se parecen por su altura, por su forma y por su vegetación, el paisaje es aún bastante monótono. Sin embargo, cuando en la parte meridional de la región se llega a los grandes valles ondulantes, en medio de los cuales se eleva aquí o allá alguna formación cónica aislada y cuyos bordes están surcados por un gran número de arroyuelos, junto a una vigorosa vegetación; cuando uno ve esos valles limitados por amplias mesetas con pendientes suaves y vivificados por surgentes frecuentes, entonces se goza de una visión tan alegre cuanto extensa. (RENGGER, [1835] 2010:54)

Alegria e monotonia são duas sensações que a paisagem provoca em Johann Rengger. Essa relação de oposição que ambas assumem é reveladora do arcabouço cultural que orienta o viajante suíço em sua descrição. Há um modelo apreciado de paisagem – próximo do pitoresco – que é procurado. E, quando o encontra, exalta-se, quando não, lamenta-se. No entanto, não devemos esquecer que, além de um padrão desejado de paisagem, são próprias da narrativa de viagem as aproximações entre o que é do *Outro* e do seu espaço com a realidade do viajante e, conseqüentemente, do seu leitor. Como afirma Karen Lisboa (1997:104), “(...) tratando-se de estarem descrevendo uma paisagem, *a priori* estranha e exótica, as comparações com esses referenciais são um recurso para auxiliar os leitores europeus a tornar esse desconhecido país visualmente mais imaginável”. Ou seja, ao mesmo tempo em que essas referências estéticas são utilizadas pelos viajantes em seus textos para qualificar e avaliar o que visualizaram, operam, também, como instrumentos de aproximação dessa outra realidade com a cultura do autor, e por extensão dos seus leitores.

Deixando as planícies e montanhas avistadas por Rengger no Paraguai, passamos à narrativa de Peter Schmidtmeier, que, após embarcar em janeiro de 1820, em Londres, aportou em Buenos Aires no início do mês de maio. Tão logo conseguiu organizar os

preparativos para a sua viagem da capital argentina até Santiago, Schmidtmeyer pôs-se em marcha. Aproximadamente na metade do seu trajeto, ainda em terras argentinas, a caravana do viajante suíço chegou à pequena cidade de San Luis. A primeira descrição do lugar por Schmidtmeyer privilegia as habitações que “(...) construídas de adobe y tienen extensos terrenos adyacentes, de modo que el aspecto es el de una población floreciente” (SCHMIDTMEYER, [1824] 2014:152), possuindo ainda plantações de trigo, cevada e uma série de árvores frutíferas, como laranjeiras, limoeiros e macieiras. Não muito distante, ao sul do vilarejo de San Luis, Schmidtmeyer apresenta uma descrição recorrente em sua narrativa: o contraste entre as paisagens visualizadas. De acordo como viajante:

Las primeras treinta millas nos llevaron cerca de un pequeño lago llamado Laguna del Chorillo, que yace al sur del camino; otra vista que por su novedad nos agradó mucho. No era ciertamente un lago Catherine en el Trossaks, ni un lago de Ginebra visto desde el Jura; pero se trataba de un pequeño espacio de agua que se ofrecía inesperadamente en un lugar que, llamado desierto, en medio de llanuras de esta condición, nos produjo el mismo efecto como si colocados cerca de una cueva, esperando oír los aullidos de bestias salvajes encerradas en ella, surgieran suaves y melódicos sonos que impresionaran nuestros sentidos. Por medio de algarrobos esparcidos en forma rala por el suelo y de una perspectiva casi horizontal, el campo hacia el lago parecía como si hubiera estado bien cubierto de montes (SCHMIDTMEYER, [1824] 2014:153).

A aridez da região é amenizada por um pequeno lago – menor que o lago inglês e o suíço por ele citados – mas, suficiente para suscitar sentimentos agradáveis e novos. Ao longo da viagem realizada por Schmidtmeyer, tanto em território argentino, quanto chileno, o que se percebe é uma reiterada frustração com a cobertura vegetal observada, salvo alguns pontos capazes de despertar a admiração pela natureza sul-americana. Já mais próximos da fronteira e dos Andes, na cidade de Mendoza, Schmidtmeyer afirma que:

Tanto más cuanto que la imaginación cansada de la monotonía de la escena estaba ansiosa de ayudar a producir algún efecto más placentero. La ausencia de compensaciones más altas tiende en grado extraordinario a modificar las fuerzas con las que vemos, oímos o gustamos lo que nos ofrecen; y la fuente del placer real para nosotros fue una bonita flor amarilla, que a veces aparecía solamente bajo el algarrobo, como agradecida a ese árbol por, su bondadosa sombra, y ansiosa de que el viajero pudiera ver que la naturaleza sonreía hasta en el desierto (SCHMIDTMEYER, [1824] 2014:153).

Não raramente, o viajante queixava-se que a paisagem não apresentava variações, definindo-a como monótona – o que, de certo modo, o aproxima de uma descrição pautada

pelo sublime, especialmente, pelas sensações de angústia e desengano que a paisagem oferecia.

Se, por um lado, as poucas paisagens belas e agradáveis exigiam de Schmidtmeier um exercício de imaginação em busca de um prazer para seus sentidos, por outro, os campos cultivados costumavam ser objeto de grande interesse e exaltação pelo viajante suíço. Já no Chile, em sua viagem de Coquimbo, cidade litorânea, até Guasco, Schmidtmeier destaca as pequenas montanhas de pedras cor de cobre que se estendem pelo caminho às margens do mar, o que para o viajante poderia explicar a coloração da espuma da água. Seu apreço pela paisagem da região sofre, no entanto, significativa diminuição devido à poeira e ao forte calor. Sua admiração pela natureza é colocada à prova quando passa por uma pequena aldeia no vale de Señoril, a qual, segundo Schmidtmeier era “(...) dotada de un pequeño Arroyo, formaba el paso más repentino, y más bello contraste visto hasta ahora en este país, entre la aridez extrema y la vegetación lujuriente de pequeños lugares cubiertos de alfalfa y cereales” (SCHMIDTMEYER, [1824] 2014:242).

A reiterada queixa em relação à aridez dos locais percorridos agora contrasta com os cultivos agrícolas desenvolvidos. A agricultura, mais do que a vegetação nativa, causava grande admiração em Schmidtmeier. Nesse sentido, podemos encontrar a mesma valorização das atividades agrícolas que a já observada no relato de Rengger. De acordo com Karen Lisboa (1997:105), “No relatório das paisagens prazerosas que dialogam com a estética do pitoresco, inclui-se evidentemente a natureza ocupada pela atividade humana”. Mais que uma vista prazerosa, a paisagem dominada pelo homem, e por ele cultivada, apresentava-se como sinônimo de civilidade. Ao mesmo tempo, observa-se que a agricultura foi a atividade mais utilizada pelos dois viajantes para exporem as suas avaliações e comentários sobre as relações que a sociedade chilena e paraguaia estabeleceram com o meio natural. O interesse dos dois viajantes pelas práticas agrícolas está associado à grande importância que a natureza assumiu na cultura europeia entre os séculos XVIII e XIX. De acordo com Lorelai Kury (2001:105), “A Agricultura é a atividade social que representa de maneira mais clara a complementariedade entre Natureza e Civilização”, sendo que foi de competência das ciências, no caso, da História Natural, a interpretação da natureza e, inclusive, da agricultura, que, à época, foi entendida como um ramo da botânica (KURY, 2001). Portanto, o interesse pela agricultura passa por esta conjuntura histórica na qual os dois viajantes se encontravam

inseridos, havendo um interesse comum à sociedade e um interesse científico - mais caro a Rengger do que a Schmidtmeier - pelo estudo da agricultura.

Não endossando as manifestações sobre uma possível inferioridade da natureza americana, tanto Rengger como Schmidtmeier destacam em seus textos o enorme potencial que o meio natural oferece aos habitantes do Chile e do Paraguai. No entanto, o maior empecilho para o progresso da agricultura seria a própria população, o poder político e a técnica utilizada no cultivo da terra. Schmidtmeier afirma sobre o potencial viticultor do Chile que, “La naturaleza ha favorecido a Chile en éste como en otros rasgos, en grado extraordinario. Pero el placer de cortejar sus dones por una atención asidua a la agricultura no se conoce allí, ni se concibe hasta qué grado se podría obtener” (SCHMIDTMEYER, [1824] 2014:269). Rengger, por sua vez, destaca a grande fecundidade da terra do Paraguai a partir dos compostos orgânicos dos bosques e dos vestígios das madeiras queimadas, o que implicaria em um tratamento muito simples do terreno para plantar, assim como dispensaria cuidados posteriores, tais como a adubação e a irrigação. As roças estariam localizadas nas proximidades dos bosques e nos declives das colinas. De acordo com Rengger ([1835] 2010:139), “Una de las principales ocupaciones de los habitantes de Paraguay es la agricultura. Esta está aún, sin duda, en suerte de infancia, pero lo que le falta en empeñosidad, experiencia y destreza, lo suple el suelo mediante su fecundidad”.

Entre paisagens apreciadas ou condenadas e terras férteis, porém mal cultivadas, os dois viajantes suíços elaboraram narrativas que privilegiaram a descrição dos elementos visualizados em detrimento dos sujeitos inseridos nesse meio e que operaram alterações nesse espaço. Schmidtmeier, em suas considerações, destaca as moradias e, assim como Rengger, também as práticas agrícolas observadas em suas incursões pelos territórios chilenos e paraguaios, respectivamente, sem, no entanto, conceder ou identificar o protagonismo dos habitantes locais nestas tarefas. Existe um contingente populacional que é inserido de modo indireto nos relatos. As menções aos cultivos, às casas e às doenças ao longo dos dois relatos constituem evidências de uma presença, que, na maioria das vezes, é silenciada e invisibilizada. Evidentemente, é possível apontar possíveis razões para essas ausências dos registros, o que não vem a ser exatamente o objetivo do presente trabalho. Contudo, pretendemos, no encerramento deste texto, refletir sobre a relação entre as paisagens pretéritas descritas e a própria narrativa. Se Schmidtmeier faz do trajeto da sua viagem o eixo estrutural

do seu relato, apresentando os elementos da paisagem e desconsiderando os grupos humanos presentes, Rengger, por sua vez, organiza o seu texto por capítulos temáticos – recursos hídricos, clima, solo, habitantes, etc. Assim, no relato do médico suíço, primeiramente, são apresentadas as informações sobre a natureza, sendo que nos capítulos seguintes os leitores são informados sobre os sujeitos que habitavam estas regiões. Constata-se, ainda, que há um jogo de ida e retorno na narração de Rengger, que não se observa no relato de Schmidtmeier. O relato do último é linear, ao descrever uma viagem somente de ida pelo espaço descrito. Para os leitores dos relatos destes dois viajantes, especialmente, no caso de Schmidtmeier, os espaços das regiões por eles descritas não contam com a presença humana (CORRÊA, 2008).

Considerações Finais

O estudo de paisagens pretéritas, enquanto uma visualização e organização dos elementos naturais pelo observador – neste caso, os viajantes suíços Peter Schmidtmeier e Johann Rengger –, não deve desconsiderar o universo cultural no qual estão inseridos tanto os autores como as narrativas escritas. As descrições das paisagens vistas pelos viajantes não se apresentam de maneira neutra no relato. Revelam expectativas e sentimentos dos autores em sintonia com seu ambiente cultural, como as aproximações com o pitoresco e o sublime, conceitos tão caros à estética iluminista e romântica. Ao mesmo tempo, ambos objetivaram dissociar as terras visitadas das noções detratadas sobre a América, que não apenas suscitaram polêmica, mas, também, instigaram a curiosidade de homens de ciências e de letras, que se dirigiram à América.

Suas avaliações sobre o espaço físico informam, portanto, não somente sobre a materialidade do meio natural, mas, também, sobre um tipo sujeito consciente quanto aos efeitos de sua observação e sua interferência na natureza, como assinala Raymond Williams (2011). Nesse sentido, suas maiores críticas incidiram sobre as práticas de cultivo adotadas pela população e, especialmente, sobre sua displicência em buscar maximizar seus ganhos e a produção, formuladas a partir de um olhar que se pautava pela crença na superioridade da sua própria cultura, ou seja, da cultura europeia. Também as políticas de governo adotadas nos países americanos recém-emancipados desagradam aos viajantes. Para o liberal Schmidtmeier, a constante intromissão do Estado e a falta de incentivos constituíam algumas

das razões que impediam o pleno desenvolvimento econômico do Chile. Já para Rengger, o governo ditatorial de Francia oscilava entre acertos e erros, sendo que ainda havia muito a ser construído e reestruturado a partir da ação do poder público.

Por fim, destacamos que a organização das paisagens e a relação entre o habitante americano e o seu meio também estão inseridas dentro da lógica narrativa dos relatos de viagem. Como bem apontado por Michel de Certeau, a escrita da narrativa de viagem é marcada por ausências e diferenças que se evidenciam no encontro cultural entre aquele que viaja e o que passa a ser pesquisado e observado. Será, portanto, a partir da falta de características e costumes estimados pela cultura do observador que este organizará a sua narrativa, na qual “(...) a diferença é, ao mesmo tempo, o princípio gerador e o objeto em que acreditar” (CERTEAU, 1982:219). É a diferença, portanto, que se impõe nas avaliações presentes nos relatos sobre a alteridade e sobre o espaço americano. Como procuramos demonstrar na análise que realizamos dos relatos de Rengger e de Schmidtmeier, a própria estrutura narrativa indica um modo de exposição desses argumentos, cujos efeitos sobre o público leitor – conscientes ou não ao autor – podem sugerir espaços ausentes de presença humana.

Referências

BARROS ARANA, Diego. **Historia General de Chile**. Parte novena: Organización de la Republica, 1820-1833. Tomo XIII. Santiago: Rafael Jover Editor, 1894.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORRÊA, Dora Shellard. Descrições de paisagens: construindo vazios humanos e territórios indígenas na capitania de São Paulo ao final do século XVIII. **Varia Historia**, Belo Horizonte, Vol. 24, Nº 39, p. 135-152. jan.-jun. 2008.

_____. História ambiental e a paisagem. **Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña - HALAC**, Belo Horizonte, Vol. III, Nº 1, p. 47-69, 2012.

_____. Paisagens através de outros olhares. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, Vol. 20, Nº 2, p. 252-276, 2015.

KURY, Lorelai B. Entre utopia e pragmatismo: a História Natural no Iluminismo tardio. In: SOARES, Luiz Carlos. (Org.). **Da Revolução Científica à Big (Bussines) Science**: cinco ensaios de História da Ciência e da Tecnologia. São Paulo: Hucitec; Niterói: EdUFF, 2001.

LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil**. Brasília: Editora UnB, 2004.

NICOULIN, Martin. **A Gênese de Nova Friburgo: Emigração e colonização suíça no Brasil (1817-1827)**. Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 1995.

RAMELLA, Lorenzo; PARRET, Patrick. Las colecciones de Johann Rudolph Rengger (1795-1832) en Argentina, Brasil y Paraguay. II. Elementos biográficos y bibliografía. **Candollea**. Ginebra, Vol. 66, Nº 2, p. 426 – 433, jul. – dez. 2011.

RENGGER; Johann Rudolf. LOMPCHAMP, Marcel. **Ensayo Histórico sobre la revolución del Paraguay, y el gobierno dictatorio del Doctor Francia**. Paris: Imprenta de Moureau, 1828.

RENGGER, Albrecht. Breve bosquejo del currículum vitae del Dr. Johann Rudolf Rengger. In: RENGGER, Johann Rudolf. **Viaje al Paraguay en los años 1816 a 1826**. Traduzido, prologado e comentado por Alfredo Tomasini e José Braunstein. Assunção: Tiempo de Historia, [1835] 2010, p.19-41. Tradução de Raise nach Pargauay in den jahren 1818 bis 1826.

RENGGER; Johann Rudolf. **Viaje al Paraguay en los años 1816 a 1826**. Traduzido, prologado e comentado por Alfredo Tomasini e José Braunstein. Assunção: Tiempo de Historia, [1835] 2010. Tradução de Raise nach Pargauay in den jahren 1818 bis 1826.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHMIDTMEYER, Peter. **Viaje a Chile a través de los Andes: realizado en los años 1820 y 1821**. Traduzido por Sergio Gil. Buenos Aires: Claridad, [1824] 2014. Tradução de Travels into Chile, over the Andes in the years 1820 and 1821, with some sketches of the productions and agriculture; mines and metallurgy; inhabitants, history, and other features, of America; particularly of Chile, and Arauco.

SOMARRIVA, Marcelo. **Como un mapa ante mis pies: “viajeros ingleses en el cono sur 1819-1829”**. Santiago: Universidad de Chile, 2007. Tese (Doutorado em Estudos Latino-americanos), Facultad de Filosofía y Humanidades. Universidad de Chile, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.